



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA DE ANDRADE

ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E AS NOVAS TECNOLOGIAS: mediações  
pedagógicas e interação social

Sousa – PB

2014

MARIA DE ANDRADE

ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E AS NOVAS TECNOLOGIAS: mediações  
pedagógicas e interação social

Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização Fundamentos em Educação:  
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do grau  
de Especialista.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Maria do Socorro Bezerra Duarte

Sousa - PB

2014

A553e Andrade, Maria de

Ensino de língua inglesa e as novas tecnologias [manuscrito] :  
mediações pedagógicas e interação social / Maria de Andrade. -  
2014.

38 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:  
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual  
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à  
Distância, 2014.

"Orientação: Maria do Socorro Bezerra Duarte, Departamento  
de DAA".

1. Ensino de Língua Inglesa. 2. Tecnologia. 3. Formação de  
Professor. I. Título.

21. ed. CDD 420

MARIA DE ANDRADE

ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E AS NOVAS  
TECNOLOGIAS: MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS E  
INTERAÇÃO SOCIAL

Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização Fundamentos em Educação:  
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do grau  
de Especialista.

Aprovada em: 26/07/2014

  
Prof. Maria do Socorro Bezerra Duarte

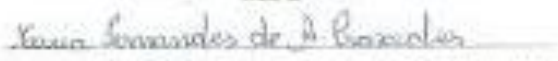
Orientadora

UEPB

  
Prof. Valmir Pereira

Examinador

UEPB

  
Prof. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Examinadora

UEPB

## DEDICATÓRIA

A meus pais João Francisco de Andrade e Terezinha Maria de Andrade que souberam de forma simples e humilde guiar meus passos e me deram esperança para seguir.

À minha tia Luiza Odília de Andrade, que foi e continua sendo uma pessoa fundamental em minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado dons e tudo mais o suficiente para que eu pudesse chegar a este estágio.

Aos meus familiares, a quem devo parte do que tenho e do que sou, agradeço a dedicação e amor recebido.

À professora orientadora Maria do Socorro Bezerra Duarte, pela oportunidade, orientação, incentivo e apoio.

À coordenadora do curso de Especialização Ana Alice R. Sobreira que sempre esteve presente, por sua dedicação e empenho.

Aos professores que ao longo do curso nos proporcionaram conhecimentos, e que foram tão importantes na conclusão desta jornada.

Enfim, aos amigos, colegas e a todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente para que este trabalho acontecesse. Àqueles que acreditaram em mim, muito obrigada.

## RESUMO

O foco desta pesquisa é analisar o uso do computador e da internet como ferramentas capazes de auxiliar no ensino e aprendizagem. E ao mesmo tempo, contribuir para a formação de professores de língua estrangeira, a língua inglesa em especial, no que diz respeito ao uso do computador em sala de aula. A pesquisa realizada tem aspecto teórico qualitativo baseado em revisão bibliográfica de autores como (BUZATO 2009, CELANI 2009, LEFFA 2006, PAIVA, 2005) que defendem a importância do conjunto tecnologia e educação, principalmente no ensino de língua inglesa. Para tanto, argumentamos que o professor precisa ser capacitado e letrado eletronicamente para fazer uso da tecnologia. Também, os professores, resistentes à tecnologia precisam ser motivados através de cursos de capacitação que os encorajem a mudarem suas metodologias. Observamos ainda, a disponibilidade de materiais didáticos on-line através de sites instrucionais e blogs de professores que compartilham suas experiências e expõem trabalhos feitos com alunos. Bem como, os vários canais de comunicação e recursos da web 2.0.

**Palavras chaves:** Ensino de língua inglesa, Tecnologia, conhecimento colaborativo.

## ABSTRACT

The focus of this research is to analyze the use of computer and the internet as tools to assist in teaching and learning. And at the same time contribute to the training of teachers of foreign languages, English in particular, with regard to computer use in the classroom. The research is qualitative theoretical aspect based on literature review as author (Buzato 2009 CELANI 2009 Leffa 2006 Paiva, 2005) who advocates the importance of the whole technology and education, especially in English language teaching. To this end, we argue that the teacher needs to be trained and electronically literate to make use of technology. Also, teachers are resistant to technology need to be motivated through training courses to encourage them to change their methodologies. We note also the availability of learning materials online through instructional websites and blogs of teachers who share their experiences and expose work done with students. As well as the various communication channels and resources of Web 2.0.

**Key words:** Teaching English Technology Collaborative knowledge.



## LISTA DE SIGLAS

1. TIC – Tecnologia da informação e comunicação
2. A.C – Antes de Cristo
3. BBC – Corporação Britânica de radiodifusão
4. PLATO – Programa Lógica para Operações Pedagógicas Automáticas
5. PCs – computadores pessoais
6. CALL – Aprendizagem de Línguas mediada por computador
7. RNP – Rede Nacional de Ensino e Pesquisa
8. CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
9. WWW – World Wide Web (Rede de Alcance Mundial)
10. ICQ – Programa de Comunicação Instantânea
11. MSN – Mensagens
12. CNE – Conselho Nacional de Educação
13. LE – Língua Estrangeira
14. PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais
15. EUA – Estados Unidos da América
16. CD-ROM – Disco Compacto Somente para leitura

## LISTA DE QUADROS

1. Quadro1- Os três estágios da CALL - Quadro traduzido de Warschauer, 2000..... 15
2. Quadro2-Máximas sobre aprendizagem tradicional e a aprendizagem colaborativa.....34

## LISTA DE FIGURAS

- Figura1-pontos importantes das "três webs" .....27

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>10</b> |
| <b>1. A TECNOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: contexto histórico .....</b> | <b>12</b> |
| <b>1.2 Call.....</b>   | <b>15</b> |
| <b>2. FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA .....</b>                      | <b>17</b> |
| <b>2.1 Formação profissional e letramento eletrônico.....</b>                | <b>21</b> |
| <b>2.2 Hipertexto.....</b>   | <b>25</b> |
| <b>3. A INTERNET .....</b>   | <b>27</b> |
| <b>3.1 Uso da internet nas aulas de língua estrangeira.....</b>              | <b>28</b> |
| <b>3.2 Vantagens e desvantagens do uso da internet em sala de aula.....</b>  | <b>31</b> |
| <b>3.3 O papel do professor .....</b>  | <b>33</b> |
| <b>3.4 O papel do aluno .....</b>  | <b>33</b> |
| <b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>35</b> |
| <b>5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS: .....</b>                                  | <b>37</b> |

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem como proposta apresentar uma revisão bibliográfica do uso da tecnologia da informação e comunicação (TIC) no ensino e aprendizagem da língua estrangeira (LE), retratando aqui o ensino da língua inglesa. O principal objetivo é investigar, mediante contextualização histórica e atual, a relação entre o ensino de LE e a aprendizagem mediada por computador.

A motivação inicial para a realização desse trabalho está relacionada com minha prática cotidiana em sala de aula. Eu sou professora de língua inglesa e leciono em escola pública municipal e estadual, e é muito grande a minha angústia com relação à disciplina, e ao mesmo tempo uma sensação de impotência. É muito triste e desanimador entrar em sala de aula e ver o desinteresse dos alunos pela disciplina. Eles não conseguem relacionar a disciplina de língua inglesa ao seu meio social, o porquê e, para quê “Estudar inglês se eu moro no Brasil e nunca vou sair daqui?”. E essa angústia também é partilhada por outros colegas que lecionam a mesma disciplina. Mas, uma coisa que não dar para entender é: como os adolescentes adoram músicas internacionais, usam roupas com frases em inglês e acham “um máximo”, curtem todo tipo de games em inglês. E por outro lado, eles não gostam das aulas de inglês e tampouco tem o menor interesse pela disciplina e, não a observa como algo proveitoso para sua vida.

Então, tendo em vista a língua inglesa como uma língua internacional falada em mais de setenta países, e falada por milhões de pessoas como segunda língua. Os países que não tem falantes de inglês ao seu redor, como é o caso do Brasil, nós estamos sendo influenciados por esta língua, seja, nos filmes, televisão, internet, e estrangeirismos presentes cada vez mais em nosso cotidiano. Portanto, aprender essa nova língua é essencial. E, é possível, que a nossa metodologia em sala de aula esteja totalmente errada, cabe a nós professores de línguas buscar novos métodos de ensinos que seja um fator motivacional para ambos os lados professores e alunos.

Portanto, a internet pode ser um componente importante para auxiliar no ensino de língua estrangeira. Muitos pesquisadores vêm propondo o conjunto *tecnologia– educação*, principalmente para o ensino de línguas (BUZATO 2009, CELANI 2009, LEFFA 2006, PAIVA, 2005), entre outros. Esses teóricos defendem que o computador não deve ser usado em sala de aula apenas como mero instrumento, mas sim como um material essencial ao professor ao ser usado como elemento decisivo no processo de aprendizado.

Alguns estudos feitos por pesquisadores no Brasil e no exterior mostram que, a inclusão de novas tecnologias não pode ser feita de qualquer maneira no contexto escolar, sendo necessário que o professor passe por uma capacitação antes de explorar pedagogicamente as tecnologias com seus alunos. A aprendizagem mediada pelo computador oferece oportunidades de interação comunicativa e reflexões sobre o uso da linguagem na contemporaneidade e, conseqüentemente, do processo de aprendizagem a partir da constituição de um conhecimento colaborativo.

Para tanto, este trabalho dispõe de três capítulos, sendo que o primeiro trata-se da contextualização histórica da tecnologia e sua relação com a educação e, principalmente com o ensino de línguas. Já no segundo capítulo o foco é o processo de formação do professor de língua estrangeira e suas deficiências. Por último, o terceiro capítulo está voltado para o uso da tecnologia em sala de aula e suas vantagens e desvantagens para professores e alunos. E dessa forma responder as seguintes perguntas:

1. Qual a relação da tecnologia com o ensino de língua inglesa?
2. Quais desafios enfrentam os professores de língua inglesa, em relação à disciplina que leciona e ao letramento eletrônico?
3. Como o uso da internet pode motivar professores e alunos no ensino de língua inglesa?

## 1. A TECNOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: Contexto histórico

Em 1440, o homem tem seu primeiro contato com a tecnologia com a invenção da imprensa por Gutenberg, considerada o grande primeiro marco tecnológico. Porém, no século I a.C, predominava o uso do córdex, que tinha o mesmo formato aproximado ao do livro de hoje, com escrita horizontal nos dois lados da página. O que daria mais comodidade para ler, pelo fato de poder pousar o livro sobre a mesa, pois não seria necessário mais ficar com as duas mãos presas ao texto.

Mesmo assim não foi fácil a socialização do livro, que por sua vez, tinha os mesmos problemas que enfrentamos hoje com a introdução do computador na sociedade, como diz Chatier (1999) *apud* Paiva (2005) “a cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprime.”

Os primeiros livros implementados no ensino de línguas foram as gramáticas, pois, o essencial era aprender as normas descritivas que rege cada língua, ou seja, aprender restritamente a sintaxe. Seguindo a gramática veio o primeiro livro com imagens *O Orbis Sensualium Pictus*, de Comenius, publicado em 1658. O objetivo desse livro de vocabulário ilustrado era ensinar o nome das coisas em latim fazendo a contextualização com as imagens. A aquisição do vocabulário era sinônima de memorização de itens lexicais.

Já Lambert Saucer defendia a proibição do livro em sala de aula, pois acreditava que na sala de aula os alunos deviam ouvir, e o livro servia para os mesmos estudarem em casa, tirarem suas dúvidas e se prepararem para as aulas futuras.

Segundo Kelly (1969) *apud* Paiva (2005) “a grande revolução no ensino de línguas começou com a invenção do fonógrafo por Thomas Edison, em 1878.” Foi uma grande inovação tecnológica a reprodução de som e vídeo. Primeiramente apenas som, depois imagem, até chegar uma máquina que projetasse os dois ao mesmo tempo. Sucedeu ao fonógrafo, o gramofone com a gravação em discos e, em seguida, a fita magnética.

Com os avanços tecnológicos é possível apresentar para os alunos em sala de aula, material gravado com falantes nativos. Os alunos podem ouvir e repetir a pronúncia de um nativo sem as interferências e os sotaques do professor. Passa-se assim, a focar um pouco da oralidade entendida como cita Paiva (2005) “a aprendizagem da habilidade oral como imitação e repetição de amostras de falas gravadas por nativos”.

O primeiro material didático gravado segundo Kelly (1969) *apud* Paiva (2005) data de 1902 e 1903. Esse material era composto por livros de conversação acompanhados pelos

cilindros de Thomas Edson. Também os estudos Walt Disney em 1930, produziram cartoons para o ensino de inglês básico, dando início ao uso de filmes para o ensino de línguas. Dando sequência, em 1943, os estúdios Disney produziram uma série de filmes didáticos voltados para o ensino da língua inglesa.

Com a gravação da fita magnética tornou-se possível aos alunos gravarem suas leituras e exercícios, e também avaliassem seus desempenhos. O grande sucesso do material gravado foi a criação dos laboratórios de línguas na década de 50. No entanto, os laboratórios de línguas não obtiveram grande êxito devido às instalações específicas e dispendiosas, em parte pelo alto custo de investimentos, ou pela rigidez como era tratado o ensino de língua: criação de hábitos automáticos através de repetição de estruturas sintáticas.

O rádio surgiu como recurso tecnológico de áudio, mas, como sua programação era em tempo real, ficava difícil conciliar a programação radiofônica com o horário escolar, e por essa razão, o rádio não teve tanta influência no ambiente escolar. Porém, segundo Kelly (1969 *apud* PAIVA 2012) a BBC no ano de 1943 fez transmissão com pequenas aulas de inglês, e na década de 60 transmitiu cursos de inglês em 30 línguas para vários países do mundo, em vários níveis do elementar ao mais avançado. Também a rádio *Voice of America* nos Estados Unidos oferecia cursos de inglês com o apoio de material impresso.

A televisão foi inventada em 1926 por John Baird, mas assim como o rádio, os canais educativos que costumavam veicular cursos de línguas não atingiram o ambiente escolar. A televisão passa a ser utilizada com a criação de fitas de vídeos pelas grandes editoras e com reprodução de filmes para o ensino de língua estrangeira. Por outro lado, fora do ambiente escolar tradicional acontecem grandes projetos de ensino de língua. No Brasil, um desses projetos é traduzido nas diferentes versões de Telecurso da Fundação Roberto Marinho, transmitido na grade de programação da rede Globo, inclusive com aulas de língua inglesa.

O computador surge como mais um recurso tecnológico a ser usado no ensino de língua, primeiro com o projeto PLATO (*Programmed Logic for Automatic Teaching Operations*), em 1960. O projeto oferecia instrução mediada por computador para várias línguas. No Brasil, os primeiros computadores pessoais (PCs) surgiram na década de 80. Nesta mesma época surgiram na Inglaterra os programas de reconstrução de texto, como o *Storyboard e Adam&Eve*, que só se tornaram conhecidos no Brasil na década de 90. Nesses programas o professor usava qualquer texto, explorava vocabulário, criava exercícios de lacuna e, ainda podia escolher o nível de dificuldade da tarefa no planejamento de suas aulas. Com o computador surge também, outro recurso do ensino para aquisição de uma segunda língua: CALL (*Computer Assisted Language Learning*) que é definido como “a busca por e o

*estudo das aplicações do computador no ensino e aprendizado de línguas.*” (Levy, 1997). Incluindo atividades de desenvolvimento, descoberta, seleção, uso, e avaliação de atividades para aprendizado de línguas que se baseiam na tecnologia. O CALL apresenta períodos representativos de estudos nas décadas de 60, 70, 80 e 90.

Em 1991, no Brasil, chega a internet com a criação da Rede Nacional de Pesquisa (RNP) pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A rede interligava várias Universidades e professores, porém, o acesso ainda era restrito, muito semelhante às máquinas de escrever. O acesso da internet ao público teve início em 1994, com os provedores particulares, e em 1997, surge a WWW no modelo atual. Com a popularização da internet ficou possível a comunicação entre os aprendizes de línguas estrangeiras e falantes nativos dessas línguas. Tornou-se comum as interações por meio de e-mails, lista de discussões e fóruns, como experiências linguísticas não artificiais e a língua sendo percebida como comunicação.

O surgimento de novos recursos na internet torna-se comum entre as pessoas a prática de atividades orais e escrita via internet, através de recursos de comunicação instantâneos como o Icq e o MSN. No século 21, as ferramentas da internet vão se modernizando a cada instante e o aprendiz passa a ser mais ativo no meio cibernético ao participar das famosas redes sociais, páginas de relacionamentos como o *Orkut*, *os blogs e os fotologs*, os repositórios de vídeos como o *YouTube*, *os podcasts*. Além de uma enciclopédia mundial: A *Wikipédia*, disposta na rede para pesquisas. Estes recursos possibilitaram aos usuários da rede o uso efetivo da língua em situações diversificadas de comunicação. Pela primeira vez, o aprendiz passa a ser também autor e pode publicar seus textos e interagir com recursos textual, acrescido de áudio e de vídeo.



## 1.1 Call

O CALL (*Computer Assisted Language Learning*) Aprendizagem de língua mediada pelo computador foi um dos primeiros recursos tecnológicos usado na aprendizagem de línguas. É uma ferramenta que permite aos professores facilitarem o processo de aprendizagem de seus alunos, proporcionando-lhes um melhor desenvolvimento de suas habilidades para aprender de forma independente, analisar informações e pensar criticamente, caracterizando o CALL como um material complementar de reforço da instrução obtido em sala de aula.

A aprendizagem por computador teve início na década de 60 com o projeto PLATO, usado por algumas universidades americanas. Na época não havia microcomputadores e as aulas eram ministradas em laboratórios ligados a um grande computador central (mainframe).

Então, a história do CALL divide-se em três fases denominadas de CALL Behaviorista, CALL Comunicativo e CALL Integrativo. O CALL Behaviorista, a aprendizagem era feita com muita repetição e reforço positivo, considerados necessários para formação de hábitos linguísticos, uma vez que, a língua era vista essencialmente como a criação de novos automatismos. Essa fase ficou conhecida como “*Drill and Kill*”

Segundo Warschauer (1996 *apud* LEFFA 2006), no início da década de 1980 o CALL behaviorista foi prejudicado, pois, com a introdução de microcomputadores no mercado, principalmente com a chegada da *Apple II*, bastante utilizada não só nas universidades como também em escolas de ensino médio e fundamental nos Estados Unidos. Surgiram novas possibilidades de aprendizagem. No entanto, surge o Call Comunicativo na década de 1980. O computador deixa a função de tutor e passa a ser utilizado como ferramenta de estudo. Os exercícios repetitivos dão lugar aos jogos, simulações, reconstruções de textos, discussões significativas. A língua alvo era usada com exclusividade criando assim, um ambiente natural de aprendizagem da língua ensinada.

No final da década de 80, surgiu o CALL integrativo. As novas tecnologias possibilitaram uma comunicação integrada entre professores e alunos. É a etapa multimídia, o advento do CD-ROM e da internet possibilitou ao aprendiz de língua as quatro habilidades (ouvir, falar, ler, escrever), podendo ser integradas numa única atividade. Por exemplo, o aluno pode ouvir um dialogo, gravar sua pronúncia, ler o *feedback* fornecido pelo sistema e escrever um comentário.

Veja no quadro abaixo as três fases do CALL

| Fases                          | 1970 – 1980<br>CALL behaviorista            | 1980 – 1990<br>CALL comunicativo          | Século XXI<br>CALL integrativa   |
|--------------------------------|---|---|--|
| Tecnologia                     | Grande computador central                   | Computadores portáteis.                   | Multimídia e internet  |
| Paradigma do ensino do inglês  | Gramática, tradução e Audio-lingual         | Abordagem comunicativa                    | Visão baseada em conteúdos, inglês para fins específicos e acadêmicos. |
| Visão da língua                | Estrutural: Sistema de estrutura gramatical | Cognitiva: Sistema mentalmente construído | Sócio-cognitiva: desenvolvida em interação social.                     |
| Principal uso dos computadores | Exercícios repetitivos                      | Exercícios comunicativos                  | Discurso autêntico   |
| Objetivo principal             | Exatidão                                    | Mais fluência                             | Mais ação  |

Fonte: Quadro traduzido de Warschauer, 2000.

Quadro 1 - Os três estágios da CALL -

## 2. FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA

A resolução nº 2 do CNE (Conselho Nacional de Educação) de 19/02/2002 que determina aos cursos de licenciaturas a carga horária de 2800 horas, sendo 400 horas práticas, 400 horas de estágio curricular supervisionado, 1800 horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza – cultural, e 200 horas para outras atividades acadêmico – científico – culturais. Mas, no que diz respeito as licenciaturas duplas ou triplas, como é o caso dos cursos de letras com duplas ou triplas habilitações, a resolução não especifica as horas determinadas para cada uma delas.

Os professores de língua inglesa enfrentam muitos desafios em sua carreira profissional, esses desafios começam em sua formação que não atendem aos pré-requisitos básicos para um bom profissional de língua estrangeira. Paiva (2005) sobre memória de aprendizagem de professores de língua inglesa comenta que os cursos de línguas estrangeiras são ministrados nas universidades acoplados com os cursos de língua portuguesa e a legislação permite que esses cursos tenham a duração mínima de 3 anos, então a competência comunicativa do professor é deixada de lado, essa, que seria uma das competências esperada para um bom professor de línguas.

Dutra e Mello (2004 *apud* PAIVA 2005) comentam que os cursos de letras continuam na perpetuação do problema.

Muitos desses cursos são ministrados em três anos e recebem alunos de escolas de ensino básico que também não investiram em um ensino de LE de qualidade. [...] A parte de formação de professor de língua estrangeira é praticamente inexistente e em muitos casos é de competência de departamentos de educação onde pedagogos não têm a formação específica na área de aquisição e ensino de LE. As aulas de literatura são dadas geralmente em português e as turmas chegam a ter 50, 70 e até 90 alunos, inviabilizando a oferta de um ambiente adequado à prática de idioma. Como resultado, o sistema educacional brasileiro coloca no mercado de trabalho professores despreparados e muitos recorrem aos cursos de especialização em busca de uma regraduação, o que naturalmente não encontram. Esse contexto reforça, dia a dia, o preconceito de que só se aprende língua estrangeira em cursos livres. (p.12)

A resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002, no que se refere à legislação atual sobre a formação de professor estabelece no Art. 4º Na concepção, no desenvolvimento e na abrangência dos cursos de formação é fundamental que se busque:

I – considerar o conjunto das competências necessárias à atuação profissional;

II – Adotar essas competências como norteadoras, tanto da proposta pedagógica, em especial do currículo e da avaliação, quanto da organização institucional e da gestão da escola de formação.

Sobre o assunto competências necessárias para uma boa formação profissional. Almeida Filho (2001, *apud* PAIVA, 2005) advoga que um professor comunicativo deve possuir as seguintes competências:

Competência implícita (que se desenvolve em nós a partir das experiências de aprender língua(s) que vivemos), competência teórica (corpo de conhecimentos que podemos enunciar), competência aplicada (o ensino que podemos realizar orientado e explicado pela competência teórica que temos), competência lingüístico-comunicativa (a língua que se sabe e se pode usar) e a competência profissional (nosso reconhecimento do valor de ser professor de língua, nossa responsabilidade pelo avanço profissional próprio e dos outros e as ações correspondentes). (p.15)

É evidente que todas as competências são de extrema importância para um professor. Porém a competência lingüístico-comunicativa é essencial, pois o profissional precisa dominá-la bem, porque é seu instrumento de trabalho e para futuramente passar essa competência para seus alunos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino fundamental preveem que o ensino de língua inglesa tenha como foco principal a leitura. Mas, na realidade não é isso que acontece. O ensino prioriza que os conteúdos continuam voltados para um ensino repetitivo e não contextualizado, da gramática pela gramática e às vezes, da tradução. Deixando de lado todas as habilidades: orais, escrita, leitura e produção textual. Mas, o professor não tem culpa, isso é fruta da má formação profissional.

Os professores de língua inglesa parecem estar abandonados tanto em sua formação inicial quanto em sua atuação profissional nas diversas regiões do país. A esse respeito, diz Celani (2003, *apud* PAIVA 2005).

Mesmo com a restauração das línguas estrangeiras em seu papel formador no currículo da escola fundamental, garantido agora pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a situação parece não ter melhorado, visto que as causas têm de ser buscadas em níveis mais profundos de formação inicial de professores de línguas na Universidade. Embora a situação de carência se caracterize em todos os tipos de escola, ela parece ser particularmente aguda na escola pública. O ensino de língua estrangeira, particularmente do inglês, encontra-se totalmente à deriva, com professores, pais e alunos muitas vezes se perguntando a mesma coisa. O que estamos fazendo aqui?(p.20)

O professor de língua inglesa não está preparado satisfatoriamente para mediar conhecimentos e muitas vezes acabam fazendo um pouco de tudo e não se atendo a nenhum método específico, embora o mais comum seja “gramática tradução.” E não é culpa do professor, porque as escolas tradicionais exigem que os alunos aprendam regras gramaticais para passar em provas e exames, uma vez que, nas provas sejam elas na escola ou em concursos a única habilidade exigida é a leitura e escrita deixando de lado as outras habilidades. Mas esse objetivo não traz a satisfação pessoal de que o professor necessita para continuar a fazer seu trabalho. Então, nas escolas o ensino tem essa finalidade, o professor não tem muito tempo porque as aulas de inglês são uma ou duas vezes por semana e tem que cumprir o programa escolar. E nesse sistema o professor de língua inglesa se sente angustiado, sem saber o que deve fazer. De um lado ele sabe que ensinar uma língua estrangeira é ensinar ao aluno as quatro habilidades: ouvir, falar, escrever e ler. E do outro lado, está um sistema que não dar ao professor condições para exercitar o seu papel como educador.

Paiva (2005) em seu livro *Memórias de Aprendizagem de Professores de Língua Inglesa* destaca algumas narrativas relatadas por professores mostrando suas frustrações. Os depoimentos foram divididos em três grupos: memórias negativas do passado, memórias positivas do passado e memórias recentes.

### **Memórias negativas**

- (1) Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na 6ª série do ensino fundamental. Estava super ansiosa para aprender algo em inglês, e aprendi: aprendi gramática, tradução, algumas normas gramaticais, etc. Mas o que mais me interessava não foi bem trabalhado: a conversação (pronúncia, entonação) e trabalho com textos. Foi assim até o 3º ano de magistério.
- (2) (...) na escola fundamental, a única coisa que aprendi foi o ‘verbo to be’.
- (3) A aprendizagem deixou a desejar. Antes de começar a ter aulas de inglês, eu acreditava que se aprendia a falar inglês no ensino regular, mas, com o passar dos anos, percebi que isso não acontecia. Hoje sei que a culpa não era dos professores, mas eles também não tinham muito a oferecer.
- (4) Minha aprendizagem de língua estrangeira na escola regular pode ser considerada como superficial e fragmentada. Até a oitava série estudei em uma escola particular, o que não me livrou do despreparo do professor. As aulas giravam em torno de gramática, principalmente dos verbos. No ensino médio, já na escola pública, as aulas eram em cima da gramática. Havia muita troca de professores, mesmo durante o ano, o que não permitia um sequenciamento e aprofundamento dos estudos.

### **Memórias positivas**

- (5) Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na 5ª série do ensino fundamental, eu ficava vibrando para assistir as aulas e tinha muita expectativa de que iria falar inglês e contava para a minha família e amigos. Nos anos seguintes foi da mesma forma, sempre dedicada, ajudava os colegas e o que me era cobrado dava conta. Quando cursei Letras eu era uma boa aluna, muitas das minhas colegas desistiram do inglês porque não gostavam e eu continuava a vibrar com a matéria e queria sempre aprender mais. Eu não gostava de Português, mas estudava para passar de ano.
- (6) O meu contato com a primeira língua estrangeira, no caso o inglês, aconteceu na quinta série do ensino fundamental no Colégio Tiradentes da PMMG. Eu me lembro de ter gostado bastante da novidade: eu iria aprender a me comunicar num outro idioma! A professora, “Dona Fátima”, era jovem e simpática e nos cativou com seu jeito delicado. Realmente, estudar inglês a partir da quinta série foi uma experiência muito boa para mim
- (7) Comecei a estudar inglês antes de ter esta disciplina na escola regular. Estudei por 5 anos em um curso livre de inglês e desde o início ficava encantada com a maneira que me era apresentada a aprendizagem de uma segunda língua: através de experiências cotidianas e de uma forma natural.

### **Memórias recentes**

- (8) Quanto a minha vida profissional como professora, tenho pouca experiência. Comecei a lecionar o inglês este ano e estou sentindo muitas dificuldades devido à falta de estrutura das escolas públicas, não nos oferecem livros didáticos, as salas são super lotadas, os alunos também não demonstram interesse em aprender a língua, enfim uma série de fatores que às vezes nos levam ao desânimo. Mas estou procurando aperfeiçoar-me, encontrar soluções para estes empecilhos, pois não devemos deixar vencer pelos obstáculos e sim superá-los.

No entanto a historia se repete, e como os professores de língua estrangeira não estão preparados para exercer a competência comunicativa, eles tendem a serem “gramatiqueros”. Uma vez que ao longo de suas trajetórias como estudante de língua estrangeiras fora submetidos a situações de ensino meramente gramatical. Como afirma Paiva (2005)

Se, por um lado, podemos culpar o professor por não dar ao aprendiz um ensino de qualidade, por outro, não podemos deixar de ver ambos como vítimas das relações de poder. O professor mal formado é ele próprio vítima de currículos inadequados<sup>1</sup>, vítima de sua situação econômica, vítima de um contexto desfavorável que não lhe dá acesso a falante ou a tecnologias que possam compensar essa ausência de contato com uma comunidade de prática em língua estrangeira. Sem o domínio de sua ferramenta básica, fica difícil a qualquer pessoa exercer sua profissão com competência. (p.150)

Sobre o assunto formação docente de professores de língua inglesa e o melhor método a ser trabalhada em sala de aula a professora e pesquisadora Antonieta Celani em entrevista

concedida a revista nova Escola relata que existe uma descrença no meio educacional em relação à área. E que essa crença pode ser revertida quando os educadores entenderem que não existe o “melhor método”, que cabe a cada professor analisar o perfil de sua sala de aula para atuar bem.

Não existe um método perfeito, até porque a eficácia depende do objetivo da pessoa ao aprender um idioma. A saída agora é entender por que, para quê, como e o que ensinar - nessa exata ordem. A primeira resposta pode ser: porque a língua confere uma formação global ao indivíduo. Para quê? Até o 9º ano, ainda não há uma certeza. Então, a formação deve ser básica para permitir direcionamentos específicos posteriores. O como vai depender dos objetivos. Só então é possível definir os conteúdos a ensinar. (2009. P.45)

## **2.1 Formação profissional e letramento eletrônico**

O letramento é construído pelas experiências do dia-a-dia. É um processo contínuo no qual o indivíduo se habitua a interpretar situações diversas e compreender os seus significados. É pautado nas competências e habilidades para lidar com situações diversas de uso da língua. Mesmo pessoas alfabetizadas podem ter dificuldades em lidar com situações de linguagem que aparecem no dia-a-dia por não ter, ainda, adquirido tal competência.

Portanto se falando em letramento digital. Ser letrado é poder interagir realizando práticas de leitura e escrita que diferem das práticas tradicionais. Ou seja, é saber pesquisar, selecionar, utilizar as diversas ferramentas disponíveis para cumprir propósitos variados, é se relacionar, aprender constantemente, construir, transformar, reconstruir e compartilhar conhecimentos, sempre utilizando recursos disponíveis na Web, seja para a vida pessoal, seja para a vida profissional. Os professores especificamente podem usar tanto na sala de aula presencial como a distância, ou uma hibridização entre essas duas possibilidades.

Diante dos avanços tecnológicos, e a sua inserção na educação como uma ferramenta pedagógica. Elas estão presentes em cada momento de nossa vida, em casa, no trabalho e nos momentos de lazer. Vivemos em uma sociedade onde temos acesso a informações do mundo inteiro através de um clique, e essas mudanças alteraram a nossa forma de se relacionar com as pessoas e conseqüentemente também influencia as interações que ocorrem dentro da escola, e no processo educacional.

O uso da tecnologia no espaço escolar está se tornando a cada dia muito importante para professores e alunos. Recursos como a televisão, computador e a internet trazem para a sala de aula novas estratégias de ensino-aprendizagem. Por outro lado, também permite aos professores estarem mais próximos das atividades extraclasse dos alunos, uma vez que, os mesmos têm acesso a essas mídias, e, ao mesmo tempo, permite a eles estarem mais próximos do uso real da língua inglesa.

A internet possibilita a professores e alunos a expansão de novos horizontes culturais e geográficos. Por meio dela o professor de língua inglesa pode trazer para a sala de aula jornais com notícias internacionais, entrevista com um americano, blogs de pessoas nativas, vídeos com os últimos lançamentos de hits internacionais, etc. Então, a internet diminui a distância entre a realidade do aluno e o uso da língua inglesa, este que antes não via utilidade da língua inglesa no seu cotidiano, e a língua-alvo.

Mas o grande desafio dos professores é de como utilizar essa tão importante ferramenta que as crianças e os adolescentes dominam tão bem, enquanto os professores estão aprendendo a lidar com esse recurso.

Durante a formação acadêmica, os professores não são preparados para fazer uso das ferramentas tecnológicas em sua prática docente. Essa prática pedagógica eles irão adquirir sozinhos, no seu dia a dia ou frequentando algum curso de informática básica. Então o letramento eletrônico é um pré-requisito para que o professor possa usufruir das vantagens que o computador lhe oferece. Porém a falta de letramento eletrônico pode ser uma das causas pelas as quais os educadores rejeitam o computador como ferramenta pedagógica em sua prática, e a falta desse tipo de conhecimento pode transformar-se num fator de exclusão social do próprio professor.

O computador está presente na maioria dos lares brasileiros, mas a exclusão social se dar pela falta de habilidade em lidar com a máquina. Quando falamos em ter habilidades em usar o computador estamos nos referindo a responder de forma satisfatória a demandas sociais, tais como conhecimento semelhante àquele que permite às pessoas letradas, considerando que essas pessoas consigam participar plenamente de práticas sociais nas quais o computador tem um papel significativo como pessoas eletronicamente letradas.

Entretanto, não há um letramento eletrônico pleno. Grande parte das pessoas consideradas letradas eletronicamente consegue operar minimamente determinados programas ou aplicações do computador para finalidades simples, tais como editar textos e imprimi-los, podendo ser comparadas a pessoas com pouca escolaridade que são capazes de preencher um bilhete de loteria ou assinar seu nome numa linha pontilhada. Uma parte menor dos letrados



eletrônicos consegue participar adequadamente de um número maior de práticas sociais ligadas ao computador, que requer níveis de familiaridade maiores com esse novo tipo de escrita. E somente a “elite tecnológica” é capaz de moldar os sistemas operacionais, os programas de processamento de textos e os protocolos de rede.

No contexto escolar e universitário, é grave o problema de letramento eletrônico, sendo que são os professores quem mais carecem desse conhecimento em comparação com seus alunos. No Brasil, em boa parte das escolas públicas estaduais, os professores receberam computadores ou *tablets* para auxiliar em sua prática em sala de aula. Mas, se por um lado, os professores têm os computadores, por outro falta para eles capacitação para colocá-los em uso. Como comenta Buzato (2001) grande parte dos educadores acredita no potencial dos computadores como ferramenta para a resolução de problemas graves e urgentes existentes na prática vigente, mas encontram dificuldades técnicas e cognitivas difíceis de serem transpostas apenas pela força de vontade.

Werneck (2008, *apud* PAIVA) argumenta:

A reação normal dos professores obedece à formação de nosso pensamento: ele é cartesiano. O cartesianismo está atrasado, porém, muitos ainda pensam desse modo. Primeiro seria necessário preparar a pessoa e, somente depois, colocá-la em contato com o computador. Não há uma visão de entrelaçamento e de instantaneidade. Ao mesmo tempo em que você usa, você está aprendendo e vice-versa. Os computadores são professores e eles têm uma enorme paciência para ensinar aos seus alunos através dos mecanismos de ajuda. Eles repetem quantas vezes se tornar necessário até a pessoa aprender. Nesse sentido não há necessidade de se preparar e, somente depois, começar a fazer. Nós aprendemos antes de fazer, enquanto fazemos e depois de fazer. No caso dos computadores aprendemos enquanto fazemos. Mas a visão cartesiana não comporta tal pensamento. Então cabe aos professores repensar o seu modo de ver o mundo e as coisas para que, uma adaptação a novos paradigmas, possa permitir a aceitação do uso de uma ferramenta realmente potente. (p.13)

Para a aquisição de letramento eletrônico é necessário conhecimento linguístico. Mas, é falsa a ideia de que os professores de línguas tenham mais familiaridade com o computador, pois, mesmo aquelas pessoas que contam com programas com versões traduzidas enfrentam os mesmos tipos de problemas. É claro que quem domina ao menos o inglês fica mais fácil, já que há uma série de palavras técnicas que vem desta língua que são utilizadas nos sistemas operacionais e nos diversos programas disponíveis nos computadores pessoais utilizados em todo o mundo. Entretanto, o conhecimento linguístico é somente uma pequena parte de um problema muito complexo.

A falta de letramento eletrônico é um problema muito maior para os professores de línguas, levando em comparação as outras áreas. Uma vez que esses profissionais estão acostumados com os regimes burocráticos das escolas, onde os métodos e os materiais são prescritos e devem ser seguidos a risca. Muitas destas prescrições foram escritas quando ainda não se contava com as inovações tecnológicas, mas que os professores estão habituados a trabalhar. Isso gera uma dificuldade adicional para o professor incluir o computador na sua prática diária, por mais que ele seja encorajado para isso. Por exemplo, um professor que está acostumado a seguir prescrições gramaticais prontas no seu material didático ao se deparar com atividades que envolvam uma linguagem não padrão proveniente de salas de bate-papo na internet. Esse profissional provavelmente não saberá lidar com essa situação sem uma orientação prévia.

Outro problema da falta de letramento para professores de línguas ou qualquer outra área, é encarar os alunos como “sabe tudo”. É como se de repete o professor tivesse que trocar de lugar com o aluno, deixando de ser o detentor de conhecimento e passando ao papel de aprendiz. Essa troca de papéis deixa o professor inseguro e com problemas de auto-estima, e além do mais existe uma espécie de ameaça a sua identidade profissional.

Contudo existem alguns pontos positivos para os professores no que diz respeito ao letramento eletrônico. Ao adquirir letramento eletrônico o professor pode ter muitas vantagens em relação a outros grupos de profissionais. Em primeiro lugar, se espera que esses profissionais sejam dotados de alto grau de letramento tradicional que facilite a comunicação no ambiente cibernético. Em segundo lugar, os professores promovem a prática constante de leitura e escrita coletiva, e se dispor de computadores poderão fazer também em termos de escrita e leitura eletrônica.

Para tanto, a situação do professor de LE que não adquiriu letramento eletrônico para desfrutar das vantagens que o computador pode lhe proporcionar é necessário vencer algumas barreiras: a barreira política, da democratização do acesso ao computador em seus locais de trabalho, a barreira afetiva relacionada à sua identidade profissional de professor e auto-estima, e, a barreira das dificuldades específica imposta pela mediação eletrônica da leitura e escrita, para o sucesso autônomo do professor em seu processo de aquisição de letramento eletrônico.

## 2.2 Hipertexto

O advento das TICs no meio educacional e em todas as camadas sociais provocou uma grande mudança no nosso modo de ver determinados assuntos, e, principalmente nas diversas formas de ler e interpretar um texto. Dentro desse universo cibernético, destaca-se um texto capaz de conduzir o leitor a vários outros textos que tem alguma relação com o mesmo, seja ela de significado ou simplesmente para ampliar o leque de conhecimento. A esse novo tipo de texto dar-se o nome de hipertexto.

Podemos observar a prática do hipertexto em qualquer site da internet, por meio do funcionamento dos *hiperlinks* que agregam muitas informações representadas por vários signos verbais ou não verbais, dando margem ao produtor do texto elaborar informações adicionais e ou interligar informações de outros autores para enriquecer o seu texto. Da mesma maneira ao leitor de um hipertexto é permitido que ele direcione as informações de leitura de acordo com suas necessidades.

O hipertexto é uma ferramenta cognitiva que auxilia o aluno na construção do conhecimento. O aluno pode ter liberdade de ação e é encorajado a tomar iniciativa, ao mesmo tempo em que permite ao estudante construir de forma personalizada as sequências de material de pesquisa. O hipertexto, se por um lado, proporciona maiores chances de informações, por outro, torna mais fácil ao usuário se perder no imenso número de links disponíveis para seguir o caminho. À medida que o texto de um hiperdocumento possa ser modificado, qualquer tipo de informação, verídica ou não, pode ser disponibilizada. “A leitura de hipertextos desafia as noções anteriores de escrita e leitura, no sentido de que, se o texto “lido” no fim das contas resultou da escolha do leitor de páginas díspares entre si, então, de certa forma, o leitor adquire o papel de “autor” do texto lido.” (BRASIL, 2008, p.106).

No caso específico da língua inglesa, o professor deve considerar o conhecimento de mundo do aluno para conseguir decodificá-lo e compartilhá-lo. E dessa forma o professor de inglês precisa trabalhar numa perspectiva interdisciplinar, ele precisa ser ao mesmo tempo o professor de Geografia, de História, de Ciências, evidenciando vários assuntos do ponto de vista de conteúdos e do ponto de vista lingüístico.

Usar recursos tecnológicos e diferentes fontes de informações para adquirir e construir conhecimentos é um dos objetivos presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs de Língua Estrangeira. Incentivar a aprendizagem de leitura em Língua Estrangeira pode beneficiar o desenvolvimento integral do letramento do aluno, uma vez que, a leitura tem

função primordial na escola, e aprender a ler em outra língua pode ajudar no desempenho do aluno como leitor em sua língua materna. Outra característica que marca o hipertexto é a de o aluno de inglês coloca-se como protagonista no processo produção/recepção. Pois, aqueles que caminham pelos nós do hipertexto e fazem novas ligações também se tornam co-autores do texto lido.

Todavia, os alunos estão muito atentos e ativos, eles não aceitam mais aquelas aulas tradicionais<sup>1</sup>, e estão sempre cobrando dos professores aulas diferentes, e mais atrativas. Mas, os professores não estão conseguindo acompanhar o ritmo tecnológico e, no entanto, demonstram dificuldade ou até mesmo incapacidade em desenvolver atividades condizentes com a realidade sociocultural e tecnológica que ele vivencia.

---

<sup>1</sup> O professor traz o conteúdo pronto e o aluno se limita passivamente a escutá-lo.

### 3. A INTERNET

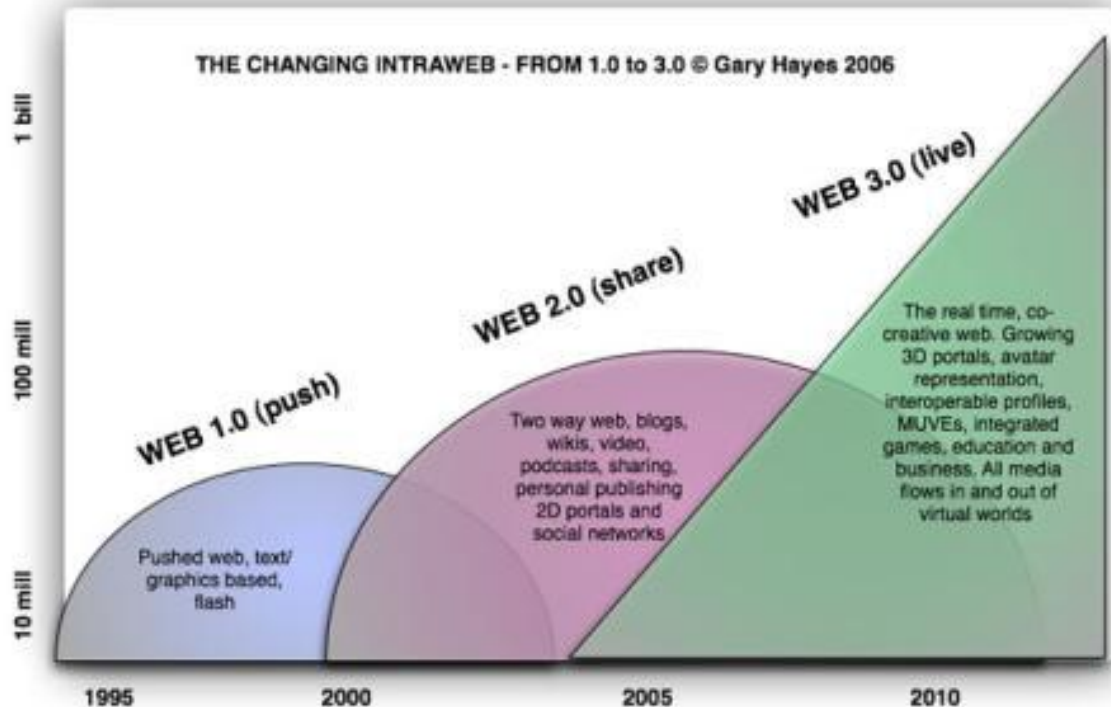
A internet surgiu na Guerra Fria, foi criada com objetivos militares, seria uma das formas das forças armadas norte-americanas de manter as comunicações em caso de ataques que destruíssem os meios de telecomunicações. Nas décadas de 1970 e 1980, além de ser utilizada para fins militares, a internet também foi um importante meio de comunicação acadêmico. Estudantes e professores universitários principalmente dos EUA trocavam ideias, mensagens e descobertas pelas linhas da rede mundial.

A partir de 1990 a internet se popularizou, quando o engenheiro inglês Tim Berners-Lee desenvolveu a *World Wide Web* possibilitando a utilização de uma interface gráfica e a criação de sites mais dinâmicos e visualmente interessantes. Para facilitar a navegação surgiram os navegadores (*browsers*) como, a Internet Explorer da *Microsoft* e o *Netscape Navigator*. O surgimento acelerado de provedores de acesso à internet e portais de serviços online contribuiu para esse crescimento.

A internet passou a ser usada em vários segmentos sociais. Os estudantes passaram a buscar informações para pesquisas escolares, jovens usavam para diversões e jogos. As salas de chat tornaram-se ponto de encontros virtuais a qualquer momento. Enfim, a internet se tornou tão popular que é impossível pensar, nos dias atuais, no mundo sem internet. Ela tomou-se parte nos lares de pessoas do mundo todo. Estar conectado à rede mundial de computadores se tornou uma necessidade de extrema importância.

A internet está presente nas escolas, nas faculdades, empresas e diversos locais, sejam eles públicos ou privados, tornando as informações acessíveis em apenas um clique. E dessa forma a internet vem evoluindo através das gerações, primeiro veio a Web 1.0 constituída por sites com conteúdos estáticos, com pouca interatividade, dentre eles os maiores eram Altavista, *Geocities*, *Yahoo*, *Cadê*, *Hotmail*, *DMOZ*. Dando sequência a Web 2.0 com conteúdos produzidos pelos próprios internautas, maior interatividade online através de Blogs e sites como o *Youtube*, *Flickr*, etc. Hoje se fala na terceira geração da internet a Web 3.0 (o termo foi usado pela primeira vez pelo jornalista John Markoff do *New York Times*). Esta nova geração prevê que os conteúdos online estarão organizados de forma semântica, muito mais personalizada para cada internauta, sites e aplicações inteligentes e publicidade baseada nas pesquisas e nos comportamentos. Esta nova Web também pode ser chamada de "A Web Inteligente".

A figura abaixo retrata pontos importantes das "três webs". Definido o momento da Web 1.0 como "empurrado" o da 2.0 como "compartilhado" e o da 3.0 como "tempo real"



Fonte: Gary Hayes.

### 3.1 Uso da internet nas aulas de língua estrangeira

A internet possibilita a professores e alunos a expansão de novos horizontes culturais e geográficos. Por meio dela o professor de língua inglesa pode trazer para a sala de aula jornais com notícias internacionais, entrevista com um americano, blogs de pessoas nativas, vídeos com os últimos lançamentos de hits internacionais, etc. Então, a internet diminui a distância entre a realidade do aluno e o uso da língua inglesa, este que antes não via utilidade da língua inglesa no seu cotidiano.

São vários os canais de aprendizagem via internet, que oferecem aos nossos educando uma variedade de discursos. Diante dessa multiplicidade de recursos a palavra chave é mudança. Mudanças nas técnicas e abordagens de ensino e mudanças no material de ensino.

Usar a Internet no ensino de inglês é um desafio que demanda mudanças de atitude de alunos e professores. O aluno bem sucedido não é mais o que armazena informações, mas aquele que se torna um bom usuário da informação. O bom professor não é mais o que tudo sabe, mas aquele que sabe promover ambientes que promovem a autonomia do aprendiz e que os desafia a aprender com o(s) outro(s) através de oportunidades de interação e de colaboração. (PAIVA, 2001, p.114).

No ensino de LE, a internet proporciona informações e acesso a materiais autênticos e atuais a baixo custo como jornais on-line e portais de conteúdos em geral. Conteúdos para preparação de aulas e atividades presenciais. Conteúdos para o uso do aluno em casa e na escola, pesquisas sobre um tema com ou sem indicação de sites, textos e atividades on-line e jogos enfatizando a gramática. E para facilitar a busca de informações, temos as ferramentas de buscas: *Google, Yahoo* entre outras.

Professores e alunos podem compartilhar informações criando uma *Home Page, blog ou wikis*, como também, o compartilhamento de gravações em áudio ou vídeos através dos canais de comunicação: *podcasts, YouTube, Teacher Tube* etc. A internet possibilita uma comunicação síncrona sintaticamente quebrada e linguisticamente simplificada e portanto, mais próxima da linguagem oral. Esse tipo de comunicação exige uma grande demanda cognitiva, pensar na língua alvo e digitar com restrição de tempo. Por outro lado, a internet como meio de comunicação assíncrona tem maior igualdade de participação, maior participação dos mais extrovertidos e fluentes oralmente. Por exemplo: discussão de textos, redação colaborativa, reflexão sobre o processo de aprendizagem da LE. Em ambos os casos, há a possibilidade de interação com pessoas de fora da turma, incluindo falantes nativos.

Com todas essas inovações, os recursos da web 2.0 oferecem novas possibilidades tecnológicas que trazem novos desafios pedagógicos centrados em novas práticas, ensino contextualizado, visto que, professores e alunos compartilham ensino e aprendizagem numa construção conjunta do conhecimento. Tais como:

- Grupos de discussão, fóruns e e-mails (interação assíncrona) mais adequados para atividades de discussão, reflexão e aprofundamento;
- Chat, mensagens instantâneas (interação síncrona) para atividades que requerem *feedback* imediato;
- Blogs, Wikis facilitam projetos de redação coletiva e de criação de outros produtos que podem ser amplamente divulgados;

- Serviços de compartilhamento de documentos (*Google Docs, You Tube, Teacher Tube*) para criação e divulgação de produtos pelo grupo e como fonte de recursos.
- Redes sociais (*Orkut, Facebook, Twitter, Google+*)

Outra forma de acesso a *input* na língua-alvo que pode não estar vinculada a presença do professor são os sites de ensino de língua-alvo, que oferecem ao aluno autoinstrução fora do ambiente da sala de aula. Nestes sites são dispostos conteúdos com diversos tipos de atividades obtidas gratuitamente, e até recebimento de e-mails com exercícios em formato impresso, com respostas. Nesses sites também pode ser encontrados planos que o professor pode baixar e utilizar em sala de aula.

Esses sites tem uma estrutura semelhante a dos livros didáticos tradicionais utilizados em sala de aula. Nota-se claramente o paradigma da sala de aula de LE, a divisão do conteúdo em níveis (básico, intermediário e avançado) e habilidades (*conversation, Grammar, reading, vocabulary*) constitui a base da organização desses sites.

A semelhança desses sites de autoinstrução com a sala de aula tradicional tem a vantagem que o usuário habituado à sala de aula pode encontrar mais facilidade para usar o site, bem como, localizar o tipo de informação desejada. Mas, por outro lado, esses sites oferecem sempre perguntas fechadas sem dispor de variações, o que deixa o aprendiz limitado

Contudo, com o uso da internet dentro do ambiente escolar, os papéis de professores e alunos de LE são determinados basicamente, pela natureza do *input* a partir do qual se organiza a experiência de aprender. (RICHARDS E RODGERS, 1982 *apud* BUZATO, 2010). Portanto, se o meio hipertextual e a mediação do computador ligado ao uso da internet como ferramenta de ensino afetam tremendamente a natureza do *input*, logo se espera que ocorrerão mudanças nos papéis desempenhados por professores e alunos sejam causados pela introdução da internet no espaço da sala de aula.

Segundo Heimans (1995 *apud* BUZATO, 2010) o professor que pretende integrar a internet ao currículo tome o papel de pesquisador, delimitador e facilitador.

Professor como pesquisador tem como função explorar o ambiente virtual em busca de recursos (*input*), avaliá-los, selecioná-los e torná-los disponíveis para seus alunos. O professor exercendo o papel de delimitador, ele pode armazenar e categorizar todos esses recursos em uma *Home Page*, delimitando assim, o ciberespaço de navegação de seus alunos. Mas, é claro, que não tem como delimitar rigidamente o percurso que o aluno adotará após adentrar a rede. Finalmente, o professor facilitador, ao acompanhar seus alunos numa atividade de interação



em língua-alvo via e-mail, por exemplo, o professor pode fornecer informações sobre que formas discursivas seriam mais adequadas a um determinado propósito comunicativo. Ao selecionar recursos que atendem a uma grande variedade de necessidades e estilos de aprendizagem, o professor estrutura um ambiente de aprendizagem eclético, que ofereça escolhas e estimule a autonomia dos alunos.

### **3.2 Vantagens e desvantagens do uso da internet em sala de aula**

O uso da internet em sala de aula oferece uma série de vantagens para o professor de LE em relação a outros recursos tradicionalmente disponíveis. Para Pennington (1996 *apud* BIZATO, 2010), as vantagens do uso do computador no ensino de língua podem ser divididas em três grupos: físicas, cognitivas e psicológicas.

Quanto às vantagens físicas, Pennington (1996 *apud* BIZATO, 2010) chama de “*finger tips effect*” ou efeito da informação na ponta dos dedos. O usuário necessita de pouco espaço físico para obter uma informação. Por exemplo, o usuário do computador pode consultar o dicionário disponível no seu disco rígido ou em um CD-ROM ou até mesmo no site de busca rápida na internet. E da mesma forma, economizar energia física, em um processador de textos utilizarem recursos de cortar e colar ou pré-visualização da impressão do seu texto.

Quanto à vantagem psicológica, segundo Pennington (1996) da mesma fonte bibliográfica, o ensino mediado pelo computador motiva os aprendizes para a execução de tarefas, dado seu apelo ao sentido e o caráter lúdico das interfaces mais atuais, nas quais o usuário pode manipular as cores, formas e sons utilizados pelo sistema. O ciberespaço preserva a face do aprendiz mais do que o ambiente usual, por oferecer privacidade para a execução de tarefas, seja pela possibilidade de autoinstrução ou mesmo pela utilização de identidades virtuais no ambiente virtual.

De acordo com Pennington (1996 *apud* BIZATO, 2010) dentre as vantagens cognitivas do uso do computador para a aprendizagem de línguas destaca a apresentação de *input* no computador pode ser mais saliente, menos ameaçadora e mais facilmente disponível, tanto no sentido físico como no sentido cognitivo e psicológico. O *input* é mais rico, pois dispõe de diversas combinações de formação lingüística, visual e sonora, e acessível a cada

aprendiz individualmente. Segundo Pennington (1996) a saliência e a acessibilidade (física, cognitiva e psicológica) do *input* apresentado via computador oferece mais chances de ser recordado em longo prazo.

Os computadores podem modelar (retrospectivamente, prospectivamente ou simultaneamente) os processos físicos e cognitivos requeridos para a percepção e produção linguística.

Uma característica do ensino de línguas auxiliado por computadores é a modelação visual de características da fala. Há programas de computador que faz uma perfeita representação visual da fala do aluno através de um microfone que capta a fala do aluno e as mostra na tela em formato de ondas sonoras. Além do que, o aluno pode regravar sua voz e ouvir quantas vezes desejar. E dessa forma, a máquina ajudará o aprendiz a desenvolver uma representação cognitiva da tarefa e um desempenho mais hábil e rotinizada.

As redes de computadores promovem aprendizagem ao colocar o aluno em contato uns com os outros e com grande quantidade de outros recursos. Os processadores de textos (com ou sem capacidade multimídia e de reconhecimento de voz) criam uma parceria natural entre as capacidades da maquina e as necessidades de escritor-não-ativo, ajudando o aprendiz a desenvolver um processo de escrita natural e eficiente. A hipermídia dar condições ao aluno adentrar em novos mundos e atravessar novos territórios. E, portanto, qualquer software tem um conteúdo cultural ao qual o usuário estará exposto, o que representa uma forma de aprendizagem social ou aculturação diferente daquela que se poderia oferecer ao aluno no ambiente escolar tradicional.

Enfim, a internet proporciona um acesso mais direto, praticamente sem intermediários, a um volume cada vez maior de informações. Nunca antes na historia da humanidade se produziu tanto conhecimento e se estabeleceram tantas relações de comunicação entre as pessoas.

Entretanto, a revolução da internet pode ter efeitos negativos que são muitas vezes ignorados. Em primeiro lugar, temos que considerar as desigualdades em termos de acessos, melhor dizendo, uma grande parte da nossa população não tem acesso à internet ou tem acesso restrito, então se trata de uma inserção ainda incompleta da tecnologia na vida das pessoas. As oportunidades e facilidades prometidas pela internet ainda não atingem essas pessoas, o que pode causar um grande abismo, em termos de educação e qualificação profissional, entre eles e as pessoas que já estão familiarizadas, com esse meio.

### 3.3 O papel do professor

O acesso livre e gratuito dos alunos à web, eles conseguem em apenas um clique acessar inúmeras informações, muito mais além que a capacidade humana do professor seria incapaz de armazenar. Então, qual seria o real papel do professor nesse cenário do ciberespaço?

O ciberespaço traz esse novo desafio ao professor, encontrar maneiras de facilitar a atividade de aprender do aluno, ensinando-os a lidar com o grande volume de informações que estão a sua disposição, pois informação não implica necessariamente em conhecimento.

Segundo Moran (2009) o educador continua sendo importante, não como informador, mas como mediador e organizador do processo.

O professor é um pesquisador– junto com os alunos – e articulador de aprendizagens ativas, um conselheiro de pessoas diferentes, um avaliador dos resultados. O papel dele é mais nobre, menos repetitivo e mais criativo do que na escola convencional. Os professores podem ajudar os alunos incentivando-os, a saber, perguntar, a focar questões importantes, a ter critérios na escolha de *sites*, de avaliação de páginas, a comparar textos com visões diferentes. Os professores podem focar mais a pesquisa do que dar respostas prontas. Podem propor temas interessantes e caminhar dos níveis mais simples de investigação para os mais complexos; das páginas mais coloridas e estimulantes para as mais abstratas; dos vídeos e narrativas impactantes para os contextos mais abrangentes e assim ajudar a desenvolver um pensamento arborescente, com rupturas sucessivas e uma reorganização semântica contínua. (p.2)

### 3.4 O papel do aluno

Da mesma forma que colocamos em questionamento o papel do professor, o ambiente virtual em sala de aula também pressupõe certo tipo de papel para o aluno. Que aluno é esse? A internet trouxe diversos recursos e com eles novas habilidades para os alunos. Registrar e memorizar informações oferecidas pelo professor pouco ou quase nada pode influenciar na aprendizagem desse aluno, quando ele tem a internet em seu processo de aprendizagem. O que se espera desse aluno é que ele consiga fazer uma relação das informações oferecidas pelo professor com as informações obtidas em rede.

Entretanto, a internet possibilita ao aluno publicar seus trabalhos, seus projetos e realizações, mais que um fator motivacional, essa possibilidade de inverter a posição do aluno em produtor de mensagens publicadas faz com que ele tenha maior controle sobre as condições daquilo que produz.

Então podemos afirmar que o aluno no que diz respeito às novas tecnologias estaria em vantagem em relação ao professor. Ele aprende rápido a navegar na rede, sabe trabalhar em grupo e tem muita facilidade em produzir materiais audiovisuais. Mas, por outro lado, esse mesmo aluno encontra dificuldades em sair daquele papel de aluno passivo para se tornar executor de tarefas, e desenvolvedor de informações. O aluno tem capacidade de ir muito além, mas está preso, aquele paradigma autoritário da escola, onde o professor era detentor de conhecimento e o aluno um ser passivo que executava as atividades propostas. Por essa razão, se faz necessário que professores e alunos tomem conhecimento que o novo professor dialoga e aprende com o aluno.

O quadro a seguir faz uma demonstração entre aprendizagem tradicional e aprendizagem colaborativa.

| Máximas sobre aprendizagem tradicional | Máximas sobre aprendizagem colaborativa |
|--|---|
| Sala de aula                           | Ambiente de aprendizagem                |
| Professor – autoridade                 | Professor – orientador                  |
| Centrada no Professor                  | Centrada no aluno                       |
| Aluno – “uma garrafa a encher”         | Aluno – “uma lâmpada a iluminar”        |
| Reativa, passiva                       | Proativa, investigativa                 |
| Ênfase no produto                      | Ênfase no processo                      |
| Aprendizagem em solidão                | Aprendizagem em grupo                   |
| Memorização                            | Transformação                           |

Quadro 2 – Máximo sobre aprendizagem tradicional e a aprendizagem colaborativa (<http://www.minerva.uevora.pt>) acesso 24/04/14

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, pode-se concluir que o ensino de língua estrangeira atravessa várias fases tecnológicas que vem desde os primeiros livros didáticos, passando pelo fonógrafo, material gravado, filmes, fita magnética, laboratório de áudio até a geração do computador.

Então, para que aconteça interatividade pedagógica entre professor e aluno e consequentemente aprendizagem através dos recursos digitais faz-se mais que necessárias grandes mudanças desde a formação acadêmica do professor de língua inglesa, que seja inserida em sua formação profissional disciplinas concernentes ao uso da tecnologia digital em sala de aula.

A inclusão e o uso de uma Nova tecnologia não podem ser implantados sem reflexão e treinamento adequado. O professor precisa participar de programas de capacitação antes de aplicar o novo método em sala de aula. Com as TICs, vem junto as transformações, no modo de pensar pedagógico, nova maneira de ensinar, nova forma de lidar com o saber e principalmente saber como gerenciar as informações. O grande desafio é preparar as pessoas para lidar com essas novas formas de viver, pensar, ensinar e aprender. Entende-se que essas pessoas sejam capazes de reconstruir o modo de ensinar e aprender.

Com a inserção das TICs no ensino de língua como uma ferramenta pedagógica trás subsídios ao professor na produção de material didático. Esses materiais dar uma maior proximidade com o idioma, pois é uma prática interacionista. A tarefa do professor ao usar as novas tecnologias é de mediar à construção do conhecimento do aluno. Pode se inserir nestes materiais, por exemplo: uma página multimodal (isto é, contendo vários meios de comunicação: visual, escrito, sonoro), o leitor pode escolher entre apenas ouvir o texto sonoro ou assistir a um clipe de vídeo inserido na página, tornando complexa e multifacetada a tarefa de ler. Então, diante dessa nova concepção da heterogeneidade da linguagem e da cultura compreendemos que a aprendizagem de uma língua vai muito além das quatro habilidades (ouvir, falar, entender, ler).

E, portanto, o uso de tecnologias da informação e comunicação no que diz respeito à produção de material didático e nas práticas de ensino faz-se pensar um novo conceito de ensino e aprendizagem de língua, ou seja, um método que proporcione ao aluno uma aprendizagem autônoma, onde ele possa relacionar a sua prática cotidiana e dessa forma, se sinta motivado para estudar a segunda língua. Da mesma forma, o professor diante de um bom

material didático-metodológico se sinta preparado e motivado para encarar essa nova realidade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL, Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. v.1,2008.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **O Letramento Eletrônico E O uso Do Computador No Ensino De Língua Estrangeira: Contribuições para a formação de professores.** Dissertação. Instituto de Estudos de Linguagem. Unicamp. 2001. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/LinguaEspanhola/Dissertacoes/4buzato\\_marcelo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaEspanhola/Dissertacoes/4buzato_marcelo.pdf) Acessado em Abril de 2014.

CELANI, Antonieta. **Não Há Uma receita No Ensino De língua Estrangeira.** In Revista Nova Escola, Maio de 2009.

LEFFA, Vilson J. **O ensino do inglês no futuro: da dicotomia para a convergência.** In: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. *Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil.* Brasília: Editora UnB, 2003. p. 225-250.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo. 34 ed. 1999.

LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino Aprendizagem de língua inglesa: Conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MORAN, João Manuel. **Como Utilizar as Tecnologias na escola.** In: A Educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá. 4ª Ed, Papiros, 2009, p. 101 – 111.

MORIN. Edgar. **Os Setes Saberes Necessários a educação do Futuro.** Disponível em <http://www2.ufpa.br/ensinofts/artigo3/setesaberes.pdf>. Acessado em fev. de 2014.

PAIVA, V.L.M.O. **A WWW e o Ensino de Inglês.** Revista brasileira de linguística aplicada. v. 1, n1, 2001.p.93-116

\_\_\_\_\_. **A Pesquisa Sobre Interação e Aprendizagem de Línguas Mediadas pelo Computador.** In: Calidoscópio, vol. 3, n. 1, p. 5 – 12 jan/abril 2005.

\_\_\_\_\_. **O Uso da Tecnologia no Ensino de Língua Estrangeira: breve retrospectiva histórica.** Disponível em <http://www.veramenezes.com/techist.pdf>, acessado em 13 de fev. de 2014.

\_\_\_\_\_. **MEMÓRIAS DE APRENDIZAGEM DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA.** Disponível em <http://www.veramenezes.com/narprofessores.htm>, acessado em 13 de fev. de 2014.

<http://turmae2009.bligoo.com/content/view/551710/Web-1-0-Web-2-0-Web-3-0.html>. Acesso em 24/04/14